

RETALHOS ALINHAVADOS: ENTENDENDO O CONSTRUIR DO PROFESSOR

Talitha Helen Silva CHIULLI

Instituto Federal do Sul de Minas

Tania Regina de Souza ROMERO

Universidade Federal de Lavras

Resumo: O presente artigo objetiva discutir a trajetória de uma professora de língua inglesa na escolha de sua profissão e nos significados que constrói. A trajetória é rememorada por meio de uma autobiografia e analisada com base em construtos de identidade e desenvolvimento humano. No decorrer do trabalho, excertos da narrativa da professora são analisados também com base na linguística sistêmico-funcional, especificamente, com instrumentos disponibilizados pela Avaliatividade, visando respaldar interpretações. Como resultado, tanto o narrar como a análise linguística apontam para a pluralidade na constituição da identidade docente, reconhecendo, portanto, a existência de elementos influenciadores, porém não definidores de um sujeito completo e terminado.

Palavras-chave: Autobiografia. Identidade Docente. Linguística Sistêmico Funcional. Avaliatividade.

BASTED PATCHWORK: UNDERSTANDING THE CONSTRUCTION OF A TEACHER

Abstract: This article aims to discuss the trajectory of an English teacher when choosing her profession and the meanings she constructs. That trajectory is narrated through an autobiography, which is analyzed based on concepts of identity and human development. Through this paper, excerpts from the teacher's narrative are also analyzed based on Systemic Functional Linguistics, with instruments provided by the Appraisal, in order to support the interpretations. As a result, both narrative and linguistic analysis of the narrative indicate the plurality in the formation of teacher identity, therefore, recognizing the existence of influential elements, which do not define a complete and finished subject.

Keywords: Autobiography. Teacher Identity. Systemic Functional Linguistics. Appraisal.

PATCHWORK HILVANADO: ENTENDEIENDO LA CONSTRUCCIÓN DEL MAESTRO

Resumen: Este artículo tiene como su objetivo discutir la trayectoria de una maestra de Inglés en la elección de su profesión y en los significados que construye. La trayectoria es rememorada por medio de una autobiografía y analizada basada en la construcción y desarrollo humano. Durante el trabajo, trechos de la narrativa de la maestra son analizadas también basadas en la Linguística Sistêmico Funcional, especificamente, con instrumentos disponibles por la Valoriación, visando respaldar interpretaciones. Como resultado, tanto narrar como el análisis lingüística apuntam para la pluralidade en la constituición de la identidad docente, reconociendo, por lo tanto, la existencia de elementos influenciadores, sin embargo, no definidores de un sujeto completo y acabado.

Palabras clave: La autobiografía. La identidad del profesor. Linguística Sistêmico Funcional. La Valoriación.

INTRODUÇÃO

Vários e comprometidos esforços para promover conscientização e transformações no processo de formação de professores vem sendo empreendidos no país (BARBARA; RAMOS, 2003; LIBERALI, 2008; CELANI, 2010; MEDRADO; REICHMANN, 2012, por exemplo) e no exterior (NÓVOA, 1999, 2000; BROOKFIELD, 2006), principalmente face a novas necessidades que se evidenciam em constantes e inéditos desafios da sala de aula e da sociedade.

Uma das iniciativas que tem merecido especial destaque é o trabalho com autobiografias ou histórias de vida de professores em formação inicial ou continuada (PAIVA, 2008; MEDRADO, 2008; ROMERO, 2010, entre vários outros), em especial por partir de sentidos construídos ao longo do desenvolver da profissão para se poder daí traçar novos e informados caminhos, além de dar voz a protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Na esteira desta tendência, o propósito deste artigo é compartilhar e discutir a trajetória de uma professora de língua inglesa narrada por ela mesma e vista pelo prisma teórico da identidade conforme entendida por Hall (2011) e Vieira (1999), bem como as elaborações sobre o desenvolvimento humano segundo Smolka (2004) e Rossetti-Ferreira et al (2004). Complementando a discussão da autobiografia, busca-se o respaldo da Linguística Sistêmico Funcional, notadamente no instrumental da Avaliatividade, visando-se aprofundamento nos significados tecidos por meio da linguagem realizada na auto-narrativa.

72

Em suma, tendo-se como corpus a autobiografia de uma das autoras-pesquisadoras, é feita uma reflexão por meio de fundamentações calcadas em processos identitários e de desenvolvimento pessoal-profissional, tendo-se como aliadas ferramentas lingüísticas que visam trazer à tona significados da narradora professora que revelam aspectos relevantes de sua constituição.

Seguem-se inicialmente, portanto, perspectivas que orientam o entendimento de identidade, o papel da linguagem no desenvolvimento humano e avaliabilidade, para em seguida se entremear este olhar com recortes da autobiografia apresentada na íntegra no anexo. A discussão é feita prioritariamente em primeira pessoa, uma vez que as autoras querem destacar a voz da narradora e como os entendimentos são percebidos nesta avaliação de experiências vividas. Abre-se, assim, igualmente, espaço para distintos olhares, convidando-se para a reflexão que aqui se faz e outras que daqui possam decorrer.

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Existe uma essência imutável que caracteriza quem somos? Aprendi que não. Conforme Hall (2011), a identidade é algo fragmentado, descentrado, isto é, assumimos identidades diferentes conforme a ocasião, identidades essas que não se unificam em torno de um “eu coerente”. Nas palavras de Guimarães Rosa, “... o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.” (ROSA, 2005, p.24). Assim, além de compreender que somos múltiplos, é plausível afirmar ainda que estamos em processo de construção contínua. Há algumas coisas do nosso passado, por exemplo, com as quais não nos identificamos mais, como o jeito de se vestir, o gosto musical, dentre outras.

Refletindo sobre essa fragmentação da identidade, questionamos, então, apelidos classificatórios e ditados populares como “pau que nasce torto nunca se endireita”, e passamos a entender que rótulos unilaterais identitários, baseados em estereótipos, e expressões taxativas, como a mencionada, não se sustentam. A possibilidade de sermos múltiplos, de acordo com Smolka (2004), dada a nossa condição de seres histórico-sociais mergulhados em redes interativas de negociação de significados por meio da linguagem, como mencionado por

Rossetti-Ferreira et al. (2004), revoga qualquer determinismo. Somos seres em constante reconstrução, atravessados e transformados pelas vozes que nos circundam, ao mesmo tempo em que também influenciemos nossos interlocutores, como nos apontou Moita Lopes (2003).

É por meio da linguagem, importante destacar, que vamos fazendo parte deste jogo perenemente transformador, visto que ela nos insere no social, no discurso. Conforme postula Vygotsky (1994), sendo instrumento psicológico que organiza nossos processos cognitivos, a linguagem também afeta nossa construção de sentidos, orientando nossa interpretação de fatos e ações no mundo. É com e na linguagem que narramos e entendemos nossa experiência humana. Decorre daí, então, a argumentação de Bruner (2002) que o narrar constrói e reconstrói o “eu”, permitindo, ao mesmo tempo, que possamos nos ligar indelevelmente a outros, constituindo cadeias culturais, dialéticas por natureza, paradoxais muitas vezes.

Compreendendo-se que os significados afloram da linguagem, segundo Smolka (2004), é altamente relevante que se dê a ela papel protagonista para que se possa interpretar adequadamente os significados que ela constrói. De acordo com Halliday (1994), a linguagem não é arbitrária, uma vez que sua função está relacionada às necessidades de comunicação do ser humano, condicionada aos contextos e imbuída de intenções, ideias e ideologias, mesmo inconscientes. Por isso, as escolhas linguísticas significam. Assim, recorro à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvida por Halliday, com o intuito de buscar compreender os significados expressos pelas escolhas linguísticas expostas nesses parágrafos da minha autobiografia, nos quais narro o início da minha relação aluna-docência.

A LSF compreende o processo comunicativo como sendo composto por: *contexto* – de cultura (mais amplo, social) e de situação (imediate, ambiente em que se comunica); *gênero* (suporte da comunicação com forma específica que atende ao propósito interativo); e *registro*, o qual se subdivide em: modo do discurso (forma como é organizado), campo (natureza da ação social) e relações (participantes da interação). Sendo assim, a partir do elemento *registro*, pelo qual verifico aspectos estruturais do meu discurso, deterei o meu olhar sobre os significados interpessoais que se revelam pela observação das *relações* (participantes). Observo, então, a metafunção interpessoal da linguagem, mais precisamente, um de seus ramos: a teoria da avaliatividade.

Segundo Romero (2008), essa teoria mostra que há presença subjetiva do locutor no discurso produzido, seja oral ou escrito, que expõe posições de valor no seu texto através da linguagem. Tais posições, de acordo com a teoria da avaliatividade, podem ser divididas em três grupos, a partir de Martin e Rose (2002): atitude – correspondente aos sentimentos, julgamentos e avaliações; gradação – que mensura a intensidade e a ampliação das atitudes; e engajamento – que se relaciona à fonte, quem está avaliando ao dizer, seu envolvimento e posicionamento no discurso.

Para realizar a análise da narrativa autobiográfica, foco na atitude e em suas três categorias elencadas por Martin e White (2005): afeto, julgamento e apreciação. O afeto está ligado aos sentimentos das pessoas e como expressam esses sentimentos no discurso, podendo ser classificados em (in)felicidade, (in)segurança ou (in)satisfação. O julgamento está relacionado ao caráter das pessoas e a questões éticas, se dividindo em: estima social, sem implicações legais – normalidade, capacidade ou resolução; e sanção social, com consequências legais – veracidade ou adequação. Por último, a apreciação corresponde ao valor das coisas (abstratas ou concretas), as quais podem ser apreciadas em relação a: reação – impacto ou qualidade –, composição – equilíbrio ou complexidade –, ou avaliação.

A narrativa de onde surge este artigo foi produzida como parte integrante de uma disciplina de mestrado denominada “Linguagem e Identidade Docente”, em que se pretendia que o narrar viesse trazer re-significações do caminho percorrido até a minha docência, a constituição da minha identidade como professora de inglês. Poderia ter escolhido outros vieses, porém o contexto em que essa tarefa narrativa foi requisitada – o resgate das lembranças de experiências e fatos que conduziram à docência – interferiu na maneira como olhei para minha história e influenciou o que procurei trazer à tona, conforme Rossetti-Ferreira et al (2004). Neste artigo, escolho atentar especificamente para professoras que me influenciaram, bem como fatos de minha experiência que vieram à tona e poderiam me ajudar a entender minha identidade como professora de inglês.

Entendo que, com os suportes teóricos sobre constituição da identidade, papel da linguagem em nosso desenvolvimento e a análise linguística de indícios de avaliatividade, poderei olhar para minha narrativa com instrumentos devidamente qualificados.

A NARRATIVA E ALGUMAS INTERPRETAÇÕES

A partir da compreensão de que a minha identidade é inacabada, múltipla, e impassível de encaixes fixos, observo, portanto, o meu narrar sobre mim mesma, minha autobiografia. O que percebo são “retalhos” – pedaços de vida – vividos por diferentes talithas, aos quais tentei alinhavar com a fôrma do que imagino ser a minha história hoje, com o olhar da Talitha atual.

- (1) Antes de iniciar eu preciso esclarecer que por muito tempo eu fui somente Talitha Helen Silva, o sobrenome Chiulli entrou há dois anos em minha vida, após o meu casamento. Nasci em 1984, numa família de classe média. Minha mãe sempre foi muito religiosa e meu pai costumeiramente se envolvia com política na minha cidade. Tenho somente um irmão, três anos mais velho que eu, o qual eu considerava, enquanto criança, um exemplo a ser seguido.

O primeiro excerto, início da minha narrativa autobiográfica, é marcado pela apresentação dos personagens que há tempos vem fazendo parte do que outros entenderam ou ainda entendem por Talitha. Quem é? “É a filha do Zé Aleixo, da Hermínia, a irmã do Tiago”. Significações alheias que também fazem parte do que fui e do que sou. Vieira (1999) defendia que a identidade resulta ainda de interações sociais anteriores, as quais incluem pessoas significativas que tiveram alguma influência sobre nós. Nesse caso, a família como meu primeiro berço social tem marcas na minha construção identitária. Além disso, sendo a construção da identidade um processo social, esse, conforme Dubar (2005 *in* Reichmann, 2010), se marca pela dualidade: quem eu acho que sou e como o outro me vê. Negociam-se processos relacionais, a visão do(s) outro(s) sobre mim, e biográficos, o que eu entendo como eu mesma. Por isso, a minha identificação perante o outro pode ocorrer de diferentes maneiras, com base em referenciais diversos.

Entendendo que, conforme Bruner (2002), o “eu” é produto da nossa narrativa, vejo que o exercício que fiz ao escrever minha autobiografia se torna um instrumento para reconhecimento de mim mesma. Retorno no tempo, com o olhar de hoje, para tentar entender a gênese de minhas decisões.

- (2) Lembro-me como se fosse hoje, estava na calçada de fora de minha casa e minha mãe conversava comigo sobre qual escola eu queria ir. Eu simplesmente perguntei onde meu irmão tinha estudado, e foi aquela mesma escola que escolhi. Não me

arrependi. Isso aconteceu por volta de 1989, estava ainda com quatro para cinco anos de idade. Essa escola municipal tinha dois estágios pré-escolares antes do primeiro ano escolar oficial. Chamávamos esses estágios de pré de cinco e pré de seis. Passei pelos dois com a mesma professora. Lembro que gostava muito dela, tinha cara e jeito de vó. Ela sempre elogiava o que eu fazia. As mesas rosas com quatro cadeiras, em que sentávamos em grupo, ainda estão na minha memória. Passei seis anos da minha vida naquela escola.

- (3) Aos onze anos de idade mudei de instituição, tive que ir para o colégio estadual, iria estudar naquele local o resto do meu ensino básico. Comecei na quinta série, no período da tarde. Lembro-me de um dia na aula a professora perguntar para todos os alunos o que eles queriam ser profissionalmente, e eu respondi que queria ser professora – apesar de achar que naquela época não tinha nada muito definido na minha cabeça. Para minha surpresa aquela docente “zombou” da minha resposta, aconselhando-me a mudar de ideia, pois não valeria à pena ser professora. Confesso que aquele comentário me marcou, mas não mudou o que eu pensava na época. Curiosamente essa professora me dava aulas de catequese também, e eu não deixei de admirá-la por causa do episódio. Para mim, ela tinha qualidades perceptíveis: segurança ao falar, explicar, sempre tentava de alguma forma contextualizar o que falava e ainda tinha um jeito de fazer piadas durante as aulas que nos cativava.

Nos excertos 2 e 3, ao relembrar a minha infância na escola, além de querer demarcar a influência do meu irmão, ainda que indireta, para a escolha da instituição em que eu iria estudar, percebo que enfatizei duas professoras. Escolhi relembrar o aconchego das primeiras séries e o estranho momento vivido assim que demonstrei uma inclinação para a docência. De tantos fatos ocorridos dos cinco aos onze anos, agarrei-me a esses para expô-los. Isso me remete a uma frase que ouvi durante a disciplina Linguagem e Identidade Docente (2013): “Não é o fato em si, mas o significado que você dá ao fato, isso que irá significar...”. Ou seja, a escolha por contar um fato ao invés de outro também traz significados sobre a construção de minha identidade profissional.

Com base na análise da *atitude* presente nesses excertos 2 e 3 da minha autobiografia, esboço o seguinte quadro para ressaltar como avalei a experiência escolar relatada:

Quadro I - Análise da Avaliatividade (Excertos 1 e 2) – Primeiros docentes	
Afeto positivo	
Felicidade	(Eu) “Lembro que gostava muito dela, tinha cara e jeito de vó.” * sobre professora 1
Segurança	(Eu) “Não me arrependi.”
Satisfação	“ <u>E</u> la sempre elogiava o que eu fazia” *professora 1

Afeto negativo	
Infelicidade	“Para minha surpresa <u>aquela docente</u> ‘zombou’ da minha resposta” * professora 2
Julgamento - estima social	
Capacidade	“... <u>ela</u> tinha qualidades perceptíveis: segurança ao falar, explicar, sempre tentava de alguma forma contextualizar o que falava e ainda tinha um jeito de fazer piadas durante as aulas que nos cativava.” *ela = professora 2
Resolução	“... <u>eu</u> não deixei de admira-la por causa do episódio.” * sobre professora 2 “...naquela época (eu) não tinha nada muito definido na minha cabeça.”
Apreciação	
Reação (Impacto)	“... <u>aquele comentário</u> me marcou, mas não mudou o que eu pensava na época” (o comentário da professora 2)
Reação (Qualidade)	“...nos cativava.” (o jeito de fazer piadas da professora 2)
Avaliação	“...não valeria à pena ser professora.”

Por meio dessa configuração, entrevejo alguns significados. Com relação à primeira professora, apeguei-me à atitude de afeto positivo. Talvez por ser criança e aquela ser minha primeira experiência na escola, quis demarcar o quanto foi positiva: demonstrando segurança, felicidade e a minha satisfação, ressaltada pelos elogios. Longe de compreender que toda essa fase na primeira escola foi sempre um “mar de rosas”; considero que, por ser uma autobiografia que abrange toda uma vida escolar até aqui, as escolhas são significativas, mas pouco representativas de todo um período. Caso fosse relatar somente a fase escolar inicial, a ênfase poderia ter sido outra.

Já a segunda professora é marcada por diferentes categorias de atitudes, incluindo ainda o comentário dela. Há afeto negativo, contudo existem mais aspectos positivos de julgamento. Com isso, entendo que desejei relatar o episódio negativo, mas sem depreciar a docente. Marquei, portanto, positivamente as ações docentes e chamei a atenção para aquele comentário, declarando sua não-efetividade, como é possível observar na categoria apreciação (reação/impacto). Imagino que o meu olhar de hoje interferiu nesse relato, de forma que o impacto do comentário foi amenizado; uma vez que, com tantos colegas professores que passam por dificuldades na valorização de seu trabalho, agora entendo a razão da segunda professora ao “zombar” da minha escolha docente naquela época.

Acrescento que o motivo de enfatizar essas duas professoras pode estar relacionado também nos seus atributos positivos, como ‘atenciosidade’, fazer da sala de aula um ambiente aconchegante, contextualizar o que se ensina, buscar ser divertida. Essas são características que tento, atualmente, alcançar na minha docência diária. Além disso, é interessante pensar que na quinta-série já demonstrava interesse por uma identidade docente.

Na próxima etapa da minha narrativa, começo a dar indícios do caminho percorrido que influenciou na minha escolha pela área da língua inglesa. O gosto pelo idioma, as habilidades que foram se desenvolvendo e aquelas que eu desejava aprimorar – como estão ressaltados nos excertos a seguir – ajudaram a definir a decisão sobre a minha formação superior.

- (4) Na sexta série passei a ir ao colégio no período matutino. Posso dizer que ficar obcecada naquela época por bandas americanas como Hanson e grupos musicais como Backstreet Boys pode ter influenciado um pouco a minha escolha futura como professora de inglês.
- (5) Ainda para ajudar nessa escolha, no Ensino Fundamental, eu tive uma professora de inglês que trazia atividades de “listening” para a aula. Eu gostava muito da aula dela, usávamos até um livro didático que ensinava frases iniciais de conversação, recordo-me até hoje do: “repeat, please”. Já no Ensino Médio, outro professor que ministrou essa disciplina, tenho um domínio de gramática de inglês significativo por causa dele.

No quadro II, a seguir, apresento como esses professores (excerto 5) me afetaram positivamente, um em relação ao gosto pela aula, outro pela satisfação de ter me ajudado a construir já no ensino médio um entendimento mais sistemático do idioma pelo qual demonstrei interesse. Assim, esses docentes influenciaram na escolha não só da minha profissão, mas principalmente do conteúdo em que me especializei, sendo que a escolha por esse idioma específico sofreu ainda o impacto da minha obsessão adolescente com bandas americanas, como mencionado no excerto 4.

Quadro II – Análise da avaliatividade (Excertos 4 e 5) – Escolha da profissão/área	
Afeto positivo	
Felicidade	“Eu gostava muito da aula dela...” * sobre professora de inglês do Ensino Fundamental
Satisfação	(Eu) “...tenho um domínio de gramática significativo por causa dele.” * sobre professor de inglês do Ensino Médio

Apreciação	
Reação (Impacto)	“...ficar obcecada naquela época por bandas americanas como Hanson e grupos musicais como Backstreet Boys pode ter influenciado”

Conforme Romero (2008), a identidade é dinâmica e resulta de experiências e sentidos que vão sendo construídos de forma social e histórica pelo sujeito em interações com os outros. Dessa forma, compreendo que, na medida em que fui interagindo com professores de inglês na posição de aluna, construí percepções sobre o gosto por aquela língua estrangeira e suas formas de ensino. Essas experiências, assim como as seguintes que vivi enquanto licencianda, acabaram afetando minha constituição docente hoje. Rossetti-Ferreira et al. (2004) já mencionavam que as características identitárias se constroem na história interacional de cada indivíduo, demonstrando-se e tomando sentido em relações contextualizadas e situadas.

Estando no contexto de sala de aula, mas desta vez na mesma posição daqueles professores, elaboro minha identidade docente a partir do que vivi nas inter-relações como aluna, como licencianda – exposto nos excertos seguintes da minha autobiografia –, e também considerando o agora: as diversas interações atuais com colegas-professores e com os meus alunos. Sendo assim, o outro interfere na minha constituição, assim como eu afeto a dele, mas isso não implica determinismo e nem falta de singularidade, conforme Rossetti-Ferreira et al. (2004). O que existe é uma negociação constante de significados, perpassada pelo processo interpessoal: a relação com o(s) outro(s); mas também por um processo intramental, segundo Pino (2007), no qual sozinhos assimilamos, com interferência do nosso *background*, a significação construída socialmente, em direção a uma autonomia. Por isso, não posso afirmar que sou igual nem completamente diferente dos professores com os quais convivi de forma significativa. Tenho aspectos subjetivos, mas também influências alheias diretas ou indiretas.

Na continuação da autobiografia, demonstro no próprio texto tais interferências na construção desta minha identidade de professora de inglês, seja do alheio, pelas interações, seja do meu subjetivo, pelas expressões do “eu”.

- (6) No primeiro período de faculdade, tive muito receio do curso que havia escolhido. Na verdade, tinha escolhido Letras por causa do inglês, mas quando vi a proficiência do pessoal que encontrei por lá, desanimei.

- (7) No inglês 2, tive uma professora que me marcou muito, ela realmente acreditava em mim, demonstrando que eu tinha “vocação” para aquela língua. Ela foi minha primeira inspira o como professora de inglês, acho que por causa dela, eu voltei a pensar na possibilidade de cursar a licenciatura em língua inglesa também, de forma concomitante. Ela era muito amigável e divertida. Um dos seus métodos de ensino era o recontar histórias que l amos em inglês. Ela ainda me ensinou a aprender estruturas mais difíceis da língua, guardando exemplos...ah! como isso fez diferença! Cheguei a escolher a disciplina que essa professora ministraria no período seguinte, mas para minha surpresa, ela já não estaria mais no Instituto. Não tive muito o que me arrepender, o professor que a substituiu naquela disciplina foi outro que me conquistou, o jeito de dar aula era cativante. Ele contava de sua experiência no exterior para ilustrar situa es que trabalhávamos em sala, usava música de um jeito criativo, além de filmes, sobre os quais fazíamos discussões enriquecedoras.
- (8) Além desses, tive mais dois professores da área de língua inglesa que me marcaram profundamente, no sentido de que várias de minhas a es hoje, enquanto professora, se baseiam no que experimentei com eles: a professora de fonologia e o professor de leitura. A primeira, costumava ser temível de tão exigente, mas sabia tanto que era de admirar. Eu digo que foi com as aulas de fonologia que eu comecei a adquirir confiança para falar em inglês. O segundo professor me ajudou muito na didática, trabalhamos o ensino de leitura em língua inglesa, focando nas estratégias possíveis e em como preparar as aulas. Todos fomos professores naquela disciplina e o que aprendi ali – as estratégias de leitura, como trabalha-las, o uso do texto, do contexto – me abriu a porta para o emprego que tenho hoje. Passei num concurso para professora, pouco tempo depois de ter me formado, por causa do que aprendi com esses docentes que ficaram na minha memória e constr iram em mim o que é ser professor de inglês.

Finalmente, no quadro III, apresento como avaliei essa influência desses professores na constru o da minha identidade docente durante a minha forma o inicial, na gradua o.

Quadro III - Análise da avaliatividade (Excertos 6, 7 e 8) – Forma�o inicial (docência)	
Afeto positivo	
Segurança	“Eu digo que foi com as aulas de fonologia que eu comecei a adquirir confiança para falar em inglês.”
Satisfa�o	“...o que aprendi ali [...] me abriu a porta para o emprego que tenho hoje. Passei num concurso para professora, pouco tempo depois de ter me formado, por causa do que aprendi com esses docentes que ficaram na minha memória e constr�iram em mim o que � ser professor de inglês.”
Afeto negativo	
Infelicidade	(Eu) “...quando vi a proficiência do pessoal que encontrei por l�, desanimei.”
Insegurança	(Eu) “...tive muito receio do curso que havia escolhido”

Julgamento - estima social	
Capacidade	“...usava música de um jeito criativo, além de filmes, sobre os quais fazíamos discussões enriquecedoras.” *Professor substituto
Apreciação	
Reação (Impacto)	“Ela foi minha primeira inspiração como professora de inglês...” *Professora do inglês 2
Reação (Qualidade)	“...foi outro que me conquistou, o jeito de dar aula era cativante.” *Professor substituto
Avaliação	“Ela era muito amigável e divertida.” *Professora do inglês 2 “...costumava ser temível de tão exigente, mas sabia tanto que era de admirar.” *Professora de fonologia

Chamo a atenção para os trechos relacionados ao afeto, tanto positivo quanto negativo, que estão de alguma forma relacionados ao meu subjetivo, à minha satisfação, infelicidade ou (in)segurança diante das escolhas e aprendizado. Isto é, a avaliação subjetiva sobre a minha constituição profissional se marcou naquele primeiro momento de formação inicial por um sentimento afetivo, que englobava as minhas reações emotivas nesse percurso acadêmico. Quanto aos demais aspectos de julgamento e apreciação, noto que estão ligados aos professores que contribuíram para a minha constituição docente, os quais foram avaliados no momento da escrita da autobiografia como influências decisivas para a construção da minha identidade como professora de inglês.

ARREMATANDO...

O que foi exposto na autobiografia e a forma escolhida para a sua organização e descrição sofreram interferências do que a professora vivenciava e quis significar no momento da escrita. Do mesmo modo, a interpretação dela sobre seus escritos é uma possibilidade do agora, do seu olhar atual. Outros olhares tanto dela quanto alheios se fazem possíveis.

Enfim, a minha memória pode ter falhado, deixando-me esquecer de contribuições relevantes. Na verdade, só posso afirmar que não estou completa, tenho construído minha identidade docente até hoje, nesta nova fase do mestrado, no repensar das minhas aulas, no relembrar experiências. (Excerto da autobiografia da professora)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBARA, L.; RAMOS, R.C.G. **Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- BROOKFIELD, S. D. **The Skillful Teacher: on Technique, Trust, and Responsiveness in the Classroom**. San Francisco: Jossey-Bass, 2006.
- BRUNER, J. **Making stories: law, literature, life**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- CELANI, M.A.A (Org.). **Reflexões e ações (trans)formadoras no ensino-aprendizagem de inglês**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.
- LIBERALI, F.C. **Formação Crítica de Educadores: Questões Fundamentais - 2ª edição**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- MARTIN, J.R.; ROSE, D. Appraisal: negotiating attitudes. In: _____. **Working with Discourse: meaning beyond the clause**. London: Continuum, 2002. P. 22- 65.
- MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The Language of evaluation: appraisal in English**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.
- MEDRADO, B.P. **Espelho, Espelho Meu: um estudo sociocognitivo sobre a conceptualização do fazer pedagógico em narrativas de professoras**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- MEDRADO, B.P.; REICHMANN, C.L. (Orgs.). **Projetos e Práticas na Formação de Professores de Língua Inglesa**. 01. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.
- NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999.
- NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 2000.
- PAIVA, V.L.M.O. A pesquisa narrativa: uma introdução. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol.5, n.2, p. 261-271. Belo Horizonte, 2008.
- PINO, A. A Psicologia Concreta de Vigostki: Implicações para a Educação. In: PLACCO, V.M.N.S. (Org.). **Psicologia & educação: Revendo Contribuições**. São Paulo: Educ, 2007.

REICHMANN, C.L. Reflexões sobre língua, vida e trabalho em autobiografias docentes. In: ROMERO, T.R.S. (Org.) **Autobiografias na (Re)Constituição de Identidades de Professores de Línguas: o olhar crítico-reflexivo**. Campinas: Ed. Pontes, 2010.

ROMERO, T.R.S. Gramática e construção de significados. In: **Revista Claritas**, vol.10, n.1, maio, 2004, p.7-25. São Paulo.

_____. Linguagem e memória no construir de futuros professores de inglês. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol.5, n.2, 2008, p.401-420. Belo Horizonte.

_____. (Org.) **Autobiografias na (Re)Constituição de Identidades de Professores de Línguas: O Olhar Crítico-Reflexivo**. Campinas: Ed. Pontes, 2010.

ROSA, J.G. **Grande Sertão: Veredas**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ROSSETI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In: _____. (Orgs.) **Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. P. 23-33.

SMOLKA, A.L.B. Sentido e Significação. In: ROSSETI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. (Orgs.) **Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. P. 35-46.

VIEIRA, R. **Histórias de vida e identidades**. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

Talitha Helen Silva CHIULLI

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, área de Linguística Aplicada. Possui graduação em Letras: Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, e Bacharelado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais (concluídos em 2007/2008). Fez intercâmbio de um ano nos Estados Unidos (2008/2009). É professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas. Ministra aulas de inglês para cursos integrados de Agropecuária, Alimentos e Informática; é docente da disciplina Inglês Instrumental nos cursos superiores: Ciência da Computação, Cafeicultura e Educação Física. Além disso, é professora em cursos técnicos de Educação a Distância do mesmo Instituto.

Tania Regina de Souza ROMERO

Possui graduação em Letras Tradutores e Intérpretes pelo Centro Universitário Ibero Americano (1978), mestrado e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989 e 1998) e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2007). Atualmente é membro do Conselho Editorial da Revista Intercâmbio (PUCSP) (1413-4055), da Revista D.E.L.T.A. (PUC-SP) (0102-445)

e da Revista The ESpecialist (PUC-SP, 0102-7077). É professora adjunta 2 no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Desenvolvimento de Educadores, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento de educadores, educação, ensino-aprendizagem de língua estrangeira, reflexão crítica e avaliação de aprendizagem.